



## CÚPULA DE DURBAN

Descendentes de escravos no interior de Goiás nem sabem que seu destino está em jogo na África do Sul, onde a Conferência contra o racismo empacou em torno das políticas de reparação dos povos escravizados

Graciela Urquiza Mendes  
 Da equipe do Correio

**N**o coração do Brasil, na pequena Mesquita, em Goiás, um povo que traz na pele o que os índios chamam de "a cor da noite" não escuta os tambores de Durban — palco, na África do Sul, da 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata. Eles ignoram o significado

dessas palavras enroladas que os brancos inventaram para descrever o preconceito de raças, de orientação sexual e religioso. Mas conhecem muito bem, pela vida de seus antepassados, o que foi a escravidão. A reportagem do Correio esteve na terra dos remanescentes desse passado triste do país, e resgatou um pouco da história dos Pereira Braga e dos Teixeira Magalhães —

dois clãs de escravos que conseguiram manter a etnia negra por mais de 150 anos. Do outro lado do Oceano Atlântico, no berço de sua raça, delegados de países africanos exigiram ontem do Ocidente desculpas pela destruição causada pelo colonialismo, mas ainda se mostram divididos quanto ao pedido de indenização pelos anos de escravatura (página 7). O assunto é o

mais polêmico da Conferência. O governo brasileiro reconhece "a grave violação dos direitos dos negros", mas é contra uma política compensatória. Aliás, Fernando Henrique Cardoso pode se considerar mulatinho, mas pouco fez por seus pares (página 9). A agenda de Durban não esqueceu dos índios — povo que, no Brasil, ainda é tratado como criança (página 8).

# Homens da cor da noite

Conceição Freitas  
 Da equipe do Correio

Nas redondezas, todos sabem: depois da curva, passada a ponte estreita de madeira, chega-se ao Mesquita, povoado onde moram os negros. "Isso aqui já está tudo misturado, mas antes era só preto legítimo", diz o caminhoneiro Geraldo Rodrigues de Souza, 68 anos, alto, forte, sorriso aberto, pele da cor de ébano.

Para esse povo que, tudo indica, é descendente dos escravos trazidos à antiga Santa Luzia (Goiás) para a mineração do ouro no século XVIII, a discussão sobre o racismo na Conferência de Durban é uma notícia distante, incompreensível, que não lhes causa nenhum entusiasmo. No máximo, expõe o ceticismo de Vicentina Pereira Braga, 54 anos: "É encrenca de político".

A história oficial pouco se ocupou da investigação das origens do povoado do Mesquita, onde há mais de 150 anos vive uma população durante muito tempo quase exclusivamente negra, a 24 quilômetros de Luziânia (Goiás). Alguns supõem que ali foi um quilombo, porém os mais antigos contam que as terras da região foram entregues — por compra ou doação, são duas as versões — a duas escravas.

O certo é que os negros são os primeiros moradores do Arraial do Mesquita, numa região fortemente tingida pela escravidão. No período áureo da exploração das minas de ouro, 1763, a antiga Santa Luzia chegou a ter 16.529 habitantes, dos quais 12.900 escravos. De tão rica em ouro, a cidade presen-

teou o rei de Portugal D. José I, no dia de sua ascensão ao trono, com mimosos 11 quilos de ouro. Quando do terremoto de 1756, em Lisboa, outros 43 quilos foram retirados dos veios da futura Luziânia para socorrer as vítimas. São registros do historiador Paulo Bertran no seu *História da Terra e do Homem do Planalto Central*.

Tanta fartura — e tanta sede de dela tomar posse — durou pouco; de 1746 a 1775, período em que muitos escravos foram mortos pela dureza da mineração e, especialmente, pelo impaludismo, febre nascida no ribeirão do Inferno, hoje Santa Maria. Fim do ciclo do ouro, muitos mineradores abandonaram Santa Luzia e levaram consigo seus escravos.

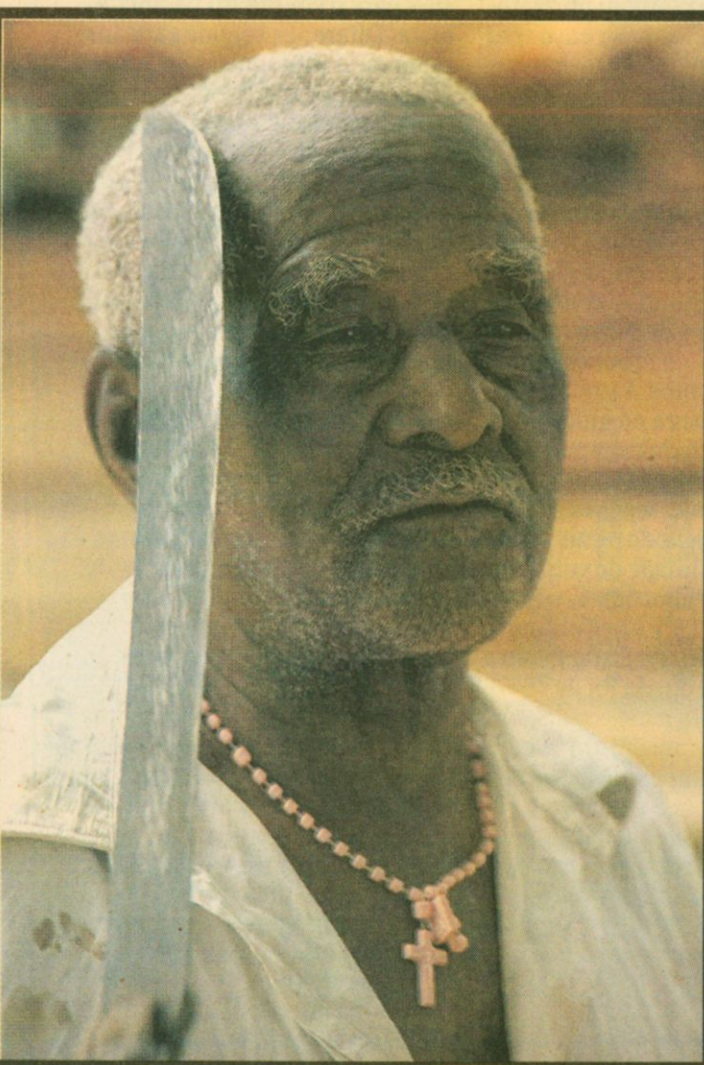
Dos que ficaram estavam Aloisia Pereira Braga e Inocência Teixeira Magalhães, escravas de um certo Capitão Costa que deu 15 mil réis a cada uma delas. Elas se juntaram e compraram as terras do sargento-mor José Correa de Mesquita. Por isso, o Arraial do Mesquita, hoje Povoado de Mesquita.

Essas duas escravas, portanto, são as fundadoras do arraial que resiste até hoje, ainda que bastante miscigenado. Mas, durante muitos anos, os Pereira Braga casaram-se com os Teixeira Magalhães e mantiveram a etnia negra que não se sabe de qual nação africana. Nas duas últimas décadas, no entanto, os brancos foram se misturando aos negros. "Aí, deu esse monte de mulato", diz Benedita Teixeira Magalhães, 61 anos, descendente da escrava fundadora do arraial, mulher do caminhoneiro Geraldo.

Fotos: Sérgio Amaral



OS NETOS DE SEU GERALDO TRAZEM NA PELE A HERANÇA NEGRA DA AVÓ, BENEDITA, DESCENDENTE DA ESCRAVA INOCÊNCIA TEIXEIRA MAGALHÃES



DITO NONATO, 88 ANOS, NUNCA SAIU DO MESQUITA: REPENTISTA E DOCEIRO

## "Só negro reforçado"

Registrado Benedito Antônio só, leva vida afóra e apelido de Dito Nonato. Diz ter um único documento perante as autoridades e tira o boné: os cabelos brancos que atestam seus 88 anos. Quem quiser conhecer a história do Povoado de Mesquita tem de passar pela casa de Dito Nonato.

"Antigamente aqui era só negro reforçado. Não se via miudinho. Era negrão forte, negra seiúda. Quando se via um branco, era passageiro", conta o ilustre cidadão ocidentalense, título que lhe foi honrosamente concedido pela Câmara Municipal da Cidade Ocidental em 1995.

A negritude nunca lhe pesou nas costas. "Não perco pra ninguém. O que Deus me deu ninguém toma", segue, cheio de prosa, o repentista, trovador, rezador do ofício de Nossa Senhora da Abadia. "É raro ter uma pessoa pra empatar comigo", diz o negro que exhibe um terço cor-de-rosa no pescoço, faz vinho de marmelo, cachimbo de coco e se refestela com carne cozida dentro do feijão.

Conferência de racismo é assunto tão distante quanto geometria e física quântica. "De Pelé pra cá a coisa mudou muito. Ele é pre-

to e é rei. Como é que alguém ia pisar num nego daquele? E Agnaldo Timóteo? Negro *bão* também. Ele ainda está vivo?"

Para servir um copo d'água aos visitantes, Vicentina Pereira Braga — moradora do Mesquita — lava e enxagua, lava e enxagua de novo o copo de vidro. "Sou moreninha, preta mesmo, mas lavo minhas tralhas bem lavadinhas, só não passo álcool". Essa mulher de seios fartos e lenço amarrado na cabeça conhece o preconceito por outro nome: orgulho. "A gente sabe que o branco tem orgulho de preto. Não come comida feita por mulher preta, até beber água fica desconfiado. Tenho medo de ficar perto de branco orgulhoso".

O caminhoneiro Geraldo Souza gosta de dizer que preto com branco dá vermelho. Tem motivos para crer nessa fórmula cromática: de seu casamento com uma mulata nasceram 12 outros mulatos, alguns deles de cabelos castanho bem claro. Esses filhos casaram-se com outros mulatos e seu Geraldo e dona Benedita já têm 51 netos, alguns negros, outros de pele clara e cabelo pixaim de cor avermelhada. Geraldo diz que tem orgulho da sua cor.